

O melhor e o pior de nós em tempo de epidemias: diálogos entre História e Literatura

The best and worst of us in epidemic time: dialogues between History and Literature

Eliezer de Oliveira¹ 

¹Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, Brasil

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar os relatos sobre epidemias escritos por historiadores, cronistas e romancistas procurando perceber como descrevem o comportamento humano nessas situações. Autores clássicos da historiografia (Tucídides, Boccaccio, Delumeau, dentre outros) e da literatura mundial (Daniel Defoe, Albert Camus, José Saramago, etc.) enfatizam um comportamento ético dicotômico, entre o bem e o mal. A hipótese é que essa ênfase nos comportamentos extremados é um elemento retórico, decorrente do desejo de que as narrativas sobre epidemias sejam exemplares eticamente. Isso reforça a ideia de Hayden White de que os limites entre a história e a literatura não são intransponíveis.

Palavras-chave: Epidemias; Comportamento humano; História e Literatura

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the narratives on epidemics written by historians, chroniclers and novelists, trying to understand how they describe human behavior in these situations. Classic authors of historiography (Tucídides, Boccaccio, Delumeau, among others) and of world literature (Daniel Defoe, Albert Camus, José Saramago, etc.) emphasize a dichotomous ethical behavior, between good and evil. The hypothesis is that this emphasis on extreme behaviors is a rhetorical element, resulting from the wish that the epidemic narratives are ethically exemplary. This reinforces Hayden White's idea that the boundaries between history and literature are not insurmountable.

Keywords: Epidemics; Human behavior; History and Literature

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as narrativas sobre a ocorrência de epidemias existentes em relatos historiográficos e literários. Trata-se, portanto, de uma proposta investigativa que aproxima a História e a Literatura, mostrando que, no que tange à catástrofe, os limites entre ficção e realidade se tornam tênues. Nesse sentido, são pertinentes as palavras de Hayden White (1994, p. 42): “já não somos obrigados, pois, a acreditar – como os historiadores do período pós-romântico – que a ficção é a antítese do fato”. Há uma espécie de dialética nas narrativas sobre as catástrofes epidêmicas, já que se trata de um evento real que é transformado em criação literária ou, por outro lado, uma narrativa historiográfica realista que utiliza elementos ficcionais para descrevê-lo.

Doenças é a principal causa de mortes dos seres humanos. Contudo se é aceitável a morte por doenças endêmicas, a morte por doenças epidêmicas provoca comoção e indignação. As doenças endêmicas são mais bem digeridas por que são interpretadas como de responsabilidade individual, podendo ser relacionadas a alguma ação imprevidente praticada pelo indivíduo (era fumante ou tomava sol demais) ou a uma predisposição genética para determinadas doenças.

Já as doenças epidêmicas são diferentes, pois a responsabilidade não é individual, mas coletiva. Nesse caso, a culpa e o azar não são apenas do indivíduo e sim de todo um grupo. Por isso que Susan Sontag, autora do livro *A doença como metáfora*, afirmou que as epidemias são as metáforas perfeitas da desorganização social: “as doenças epidêmicas eram comumente usadas em sentido figurado como designativas de desordem social”.

Isso é muito significativo, pois enquanto várias catástrofes naturais inspiram metáforas positivas – “furacão” para se referir ao time de futebol Atlético paranaense ou “terremoto” para se referir a uma mulher poderosa – as epidemias inspiram apenas metáforas negativas. A vulgarizada expressão popular nordestina “cabra da peste” originalmente aplica-se a um indivíduo frio, mal e sanguinário. Albert Camus

encontrou nas epidemias a metáfora perfeita para representar o nazismo: a peste. O nazismo seria como a peste que vai infectando as pessoas até tomar conta da sociedade. O livro se inicia quando, subitamente os ratos aparecem mortos na cidade argelina de Oran, espalhando a peste. A cidade é colocada em quarentena e vive uma situação anormal de violência e autoritarismo. No final do livro, o autor informa que

Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre e nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para a desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz. (Camus, 1983, p. 213)

A expressividade metafórica do termo “peste” fica evidente, quando ele é substituído pelo termo “nazismo”. A peste é a metáfora perfeita para o nazismo, não só porque ela mata muita gente, mas porque nos faz odiar e temer o outro que antes era o nosso amigo ou nosso vizinho. Mas não se pode esquecer que nem todos se sucumbiram a “banalidade do mal” do nazismo. Hannah Arendt (2003, p. 254) afirmou que

Politicamente falando, a lição é que em condições de terror, a maioria das pessoas se conformará, mas algumas pessoas não, a mesma forma que a lição dos países aos quais a Solução Final foi proposta é que ela ‘poderia acontecer’ na maioria dos lugares, mas não aconteceu em todos os lugares.

Do mesmo modo, nem todas as pessoas se sucumbem ao medo e ao egoísmo de uma situação de epidemia. Elas também são palcos de exemplos extremos de altruísmo e abnegação.

As narrativas sobre epidemias abordam o que há de melhor ou de pior nos seres humanos. Resta saber se o momento de epidemia estimula esses comportamentos extremos e antagônicos ou isso é apenas uma construção narrativa para tornar os relatos mais atraentes. Essa é a problematização central do artigo. A metodologia consiste nos relatos dos comportamentos humanos durante epidemias, provenientes de cronistas, historiadores e literatos. Assim, no primeiro tópico, analisar-se-ão os relatos de comportamentos egoístas e, no segundo, os altruístas.

2 O PIOR DE NÓS

O aparecimento de epidemia é propício a gerar alterações substanciais no comportamento das pessoas. É uma “situação crítica”, conforme a formulação de Anthony Giddens (2003, p. 70) para referir “as circunstâncias de disjunção radical do tipo imprevisível, que afetam uma quantidade substancial de indivíduos, situações que ameaçam ou destroem as certezas de rotinas institucionalizadas”. Não se tem dúvidas de que as epidemias provocam a alteração na rotina e a quebra dos paradigmas. Quarentena, alterações nas relações de trabalho e nos rituais religiosos, tratamentos médicos experimentais, modificação na legislação, tudo isso pode ocorrer numa sociedade afetada por uma epidemia. Nesse momento, emergem novas maneiras de ver o mundo e de relacionar com a sociedade. Essa quebra da rotina é o tema principal das narrativas sobre epidemias.

Uma das primeiras narrativas conhecidas sobre o efeito social de uma epidemia foi feita pelo historiador grego Tucídides, sobre uma doença que atingiu Atenas em 430 a. C. A cidade estava em guerra com Esparta e, por isso, a população das redondezas foi confinada dentro das muralhas. A concentração humana e as condições sanitárias precárias propiciavam o contágio de doenças.

O próprio Tucídides foi contagiado pela doença, mas sobreviveu para registrar a

evolução dos sintomas com grandes detalhes: começava com uma inflamação nos olhos e na garganta, depois vinha uma tosse forte; acarretava vômitos e diarreia e úlcera pelo corpo. Em alguns casos, os dedos caíam e a pessoa perdia o olho. Algumas sentiam um calor terrível e se jogavam nos poços. Os historiadores suspeitam de ser febre tifoide associada a um outro agente infeccioso desconhecido. (Ujvari, 2008, p. 123).

Os gregos antigos eram admirados na antiguidade por sua abnegação e resistência ao sofrimento. Ao menos era essa a opinião de Nietzsche (1948, p. 45) que afirmou que “o grego conhecia e sentia os sustos e horrores da existência: mas, a fim de poder viver, os cobria com as brilhantes figuras de sonho dos Olímpicos”. Os gregos inventaram a tragédia como forma de transformar o sofrimento em arte. Mas ao menos no que tange a Atenas, a resistência grega ao infortúnio foi fortemente abalada com a epidemia. De acordo com Tucídides,

O aspecto mais terrível da doença era a apatia das personagens atingidas por ela, pois seu espírito se rendia imediatamente ao desespero e elas se consideravam perdidas, incapazes de reagir. [...] A desgraça que os atingia era tão avassaladora que as pessoas, não sabendo o que as esperava, tornavam-se indiferentes a todas as leis, quer sagradas, quer profanas [...] A peste introduziu pela primeira vez a anarquia total. (Tucídides, 1999, p. 104-5).

Mesmo uma sociedade organicamente estruturada, em uma situação de disjunção radical acarretada por uma epidemia, vivencia momentos de apatia, desespero, desorientação e anarquia. Situação dramaticamente pior sucedeu a Jerusalém, sitiada pelos romanos, conforme o relato de Flávio Josefo (2004, p. 389): “nenhum acidente humano, nem flagelo algum mandado por Deus, jamais causaram a ruína de um tão grande número de pessoas, como o dos que pereceram pela peste, pela fome, pelas armas e pelo fogo, durante esse cerco, ou que foram levados como escravos pelos romanos”. Cenas pavorosas – de suicídio a canibalismo – aconteceram

em Jerusalém afligida pela peste e pela guerra.

Em situações de epidemias, nas palavras de Boccaccio (2003, p. 11) referentes à peste negra em Florença, “permitia-se a todos fazer aquilo que melhor lhe aprouvesse”, sendo que

Outras pessoas declaravam que, para tão imenso mal, eram remédios eficazes o beber abundantemente, o gozar com intensidade, o ir cantando de uma parte a outra, o divertir-se de todas as maneiras, o satisfazer o apetite fosse de que coisa fosse, e o rir e troçar do que acontecesse, ou pudesse acontecer.

As narrativas sobre situações de epidemias enfatizam o desregramento social e um comportamento hedonista. Em Atenas, “todos resolveram gozar o mais depressa possível todos os prazeres que a existência ainda pudesse proporcionar, e assim satisfaziam seus caprichos, vendo que suas vidas e riquezas eram efêmeras” (Tucídides, 1999 p. 105). O experiente historiador francês Jean Delumeau (2009, p. 186) mostrou que isso era um comportamento comum em situações de epidemia: “frequentemente [...] eram as bebedeiras e os desregramentos inspirados pelo desejo frenético de aproveitar os últimos momentos de vida. Era o *carpe diem* vivido com uma intensidade exacerbada pela iminência quase certa de um horrível trespasse”. A maioria dos médicos antigos explicava a peste pela corrupção do ar, mas prescreviam que um “espírito alegre” poderia minimizar ou evitar os efeitos da doença; contudo, para as pessoas comuns os divertimentos desregrados nesses momentos trágicos eram atos de desespero diante da iminência da morte. Assim, de acordo com Rachel Lewisohn (2003, p. 62), durante a Peste Negra, “não adiantava na opinião geral, ser piedoso, honesto, obedecer às leis divinas e humanas: a peste não poupava ninguém, bom ou mau. A única maneira de não se entregar ao desespero do terror era gozar a vida enquanto durasse”.

Esse hedonismo transparece também nos relatos literários. Daniel Defoe (2013, p. 80), no *Diário do Ano da Peste*, afirma que

Havia, porém, um grupo de sujeitos asquerosos que frequentavam a casa e que se reuniam ali todas as noites durante todo este terror, comportando-se como se estivessem num extravagante e barulhento festim típico daquelas pessoas em outras épocas, com modos ofensivos a ponto dos próprios dono e dona da casa ficarem, primeiro envergonhados, depois apavorados com eles.

Mais grave do que a busca da diversão, as narrativas sobre epidemias descrevem também a irrupção da perversidade. Em Alexandria, no segundo século da era cristã, uma epidemia, conforme a reprodução de uma carta por Eusébio de Cesareia (2008, p. 369), provocou atos extremados de egoísmo social.

[...] expulsavam os que começavam a adoecer; fugiam dos mais queridos; jogavam nas ruas homens semivivos. Rejeitavam cadáveres insepultos, fugiam da transmissão e do contato da morte, mas era difícil evita-la, mesmo àqueles que empregavam todos os meios.

Tucídides (1999, p. 105) já havia observado que “as pessoas passaram a pensar que impiedade e a virtude eram a ‘mesma coisa” e agiam contra as leis, os costumes e o bom senso. Durante a Peste Negra, na Europa, “alguns tiravam vantagem do caos para ir às casas dos doentes ou dos mortos e apanhar o quanto pudesse de valores. Chegavam a uma casa, silenciada pela morte e com audácia roubavam os cadáveres.” (Farrel, 2003, p. 98). Algumas manifestações de egoísmo foram mais sutis: na epidemia de Gripe Espanhola, na cidade de São Paulo, os comerciantes aumentaram abusivamente os preços, provocando protesto na população (Bertolli Filho, 2003, p. 143). Durante a mesma epidemia, na cidade de Goiás, na opinião de

um cronista da época, “os atravessadores e monopolistas ousados afrontaram os clamores públicos” (Ferreira, 1980, p. 11).

A comoção das epidemias não é suficiente para que determinados indivíduos abram mão da oportunidade de conseguir algum benefício material a custa dos outros. No início do ano de 1904, a cidade goiana de Campinas (hoje um bairro de Goiânia) foi afetada pela varíola e o pequeno lugarejo foi colocado em quarentena pelas autoridades estaduais e os habitantes passaram por privações. Mesmo assim, de acordo com um dos padres do lugar, “os soldados encarregados de distribuir esmolas aos pobres praticavam abusos, guardando para si donativo e leite” (Kiermaier, 1904).

A Peste Negra produziu relatos muito mais graves da maldade humana em tempos de epidemias. De acordo com Farrell (2003, p. 102)

“na procura de um motivo para a peste, alguns se voltavam contra os estrangeiros, acusando-os de causar a doença. Na Espanha, por exemplo, os árabes foram acusados, em Portugal, os peregrinos religiosos. Em todo o norte da Europa, o povo judeu é que foi acusado de trazer a peste”.

Os judeus, acusados de terem envenenados os poços para difundir a doença, foram as maiores vítimas da perseguição e muitas de suas comunidades foram erradicadas.

Ecos da culpabilização do outro ainda ressoa na contemporaneidade. Em março de 1900, ocorreu uma epidemia de peste na cidade norte-americana de São Francisco e as autoridades locais tentaram expulsar todos os chineses e cogitaram colocar fogo em Chinatown (Farrell, 2003, p. 114). No Brasil, do século XIX, os escravos negros foram considerados os culpados pela difusão da febre amarela, fato que foi relevante para a aprovação do fim do tráfico negreiro em 1850 (Chalhoub, 2004, p. 72). Na opinião de Delumeau (2009, p. 2004), encontrar um culpado traz um consolo psicológico, pois o

mistério da doença é explicado e se eliminar o culpado, extingue-se o mal.

Manifestações de egoísmo e xenofobia foram os aspectos que, provavelmente levaram Camus a usar a peste como metáfora do nazismo. “A peste, é preciso que se diga, tirara a todos o poder do amor e até mesmo da amizade. Pois o amor exige um pouco de futuro e para nós só havia instantes.” (Camus, 1983, p. 127). Onde há desesperança, pouco espaço resta para a fraternidade. Isso fica bem evidente também na obra de Defoe (2013, p. 100)

Ou seja, enfermeiras contratadas para cuidar de pessoas contaminadas que as tratavam barbaramente, deixando-as com fome, sufocando-as ou apressando suas mortes de outras maneiras cruéis, isto quer dizer, assassinando-as. Os vigias postos na guarda de casas fechadas onde permanecera apenas uma pessoa, provavelmente doente numa cama, invadiam estas casas e matavam os doentes para jogá-los em seguida no carro dos mortos! Assim, eles iam ainda quentes para a cova.

A descrição de Defoe é suficientemente eloquente para mostrar a emergência de um lado vil presente no ser humano. O mesmo acontece no livro Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, cujo enredo aborda uma epidemia de cegueira branca que atinge subitamente as pessoas. No que pese a inverosimilhança nosológica, o livro traz um relato coerente de comportamentos extremados em situação de epidemia. Bem no início da narrativa, um indivíduo é acometido pela doença enquanto estava num automóvel. Desorientado, ele recebe a ajuda de um transeunte que o leva para casa, mas o “bom samaritano” aproveita a situação para roubar o automóvel do cego. Sobre o episódio, o narrador afirma: “Os cépticos acerca da natureza humana, que são muitos e teimosos, vêm sustentando que se é certo que ocasião nem sempre faz o ladrão, também é certo que o ajuda muito” (Saramago, 1995, p. 25). Esse primeiro roubo é apenas o prenúncio do caos moral que se instala após a epidemia de cegueira

se generalizar, trazendo imagens típicas de confinamento, racionamento e egoísmo humano.

Felizmente, ao lado desse comportamento eticamente reprovável que emerge dos relatos sobre epidemia, há também outro, bem mais benigno, que é enfatizado nas narrativas epidêmicas.

3 O MELHOR DE NÓS

Os relatos sobre epidemias são pródigos em mostrar situações de abnegação e altruísmo. Na descrição pioneira de Tucídides (1999, p. 104), consta que

As pessoas altruístas, por respeito humano entravam nas casas dos amigos sem preocupar-se com as suas próprias vidas, numa ocasião em que mesmo os parentes dos moribundos, esmagados pela magnitude da calamidade, já não tinham forças sequer para chorar por eles.

É reconfortante saber que, no caos gerado pela epidemia de Atenas, em meio ao odor de corpos cremados e os gemidos dos moribundos, havia pessoas que ainda se preocupavam com o sofrimento dos outros. O terror da doença não foi capaz de sepultar o “respeito humano”. O mesmo aconteceu, séculos depois, em Alexandria, quando os cristãos num excesso de caridade e amor fraterno, não se poupavam, uniam-se aos outros, visitavam sem precauções os doentes, serviam-nos com diligência, dispensavam-lhes cuidados em Cristo e consideravam desejável partir desta vida com eles. Contaminados pela moléstia dos outros, contraíam a peste por contágio dos seus e aceitavam de bom grado as dores. (Cesareia, 2000, p. 368-9).

A fé inabalável numa recompensa celestial fazia com que os cristãos praticassem a caridade, mesmo arriscando a própria vida.

Nenhuma boa ação seria suficiente para compensar o horror dos pogroms aos

judeus durante a Peste Negra, mas elas também foram frequentes naqueles tempos sombrios. Delumeau (2009, p. 198) afirma que

Face aos saqueadores de mortos ou de casas abandonadas e daqueles – muito mais numerosos – que cedem simplesmente ao pânico, eis os heróis que dominam seu medo e aqueles que por seu modo de vida (especialmente nas comunidades religiosas), sua profissão ou suas responsabilidades se expõem ao contágio e dele não se esquivam.

Esses verdadeiros heróis foram os religiosos que não se furtaram em oferecer consolo espiritual e ajuda material aos moribundos, os médicos que atuaram com profissionalismo e os servidores públicos que continuaram cumprindo o seu dever. Boccaccio (2003, p. 14) afirmou que “a mim mesmo desgosta-me o ato de tanto revolver em miséria tanta” por causa do que viu e escreveu referente à peste em Florença; mas significativamente, a primeira frase do seu livro foi “é próprio do homem ter compaixão dos aflitos” (p. 7). Sem dúvida, um lema que reflete a sua confiança no gênero humano.

Durante a pandemia da Gripe Espanhola em São Paulo, uma campanha liderada por jornais da cidade conseguiu arrecadar uma quantia significativa para promover a assistência social aos doentes e aos pobres, criando hospitais provisórios e postos de socorros. De acordo com Betolli Filho (2003, p. 204),

Com efeito, dos grandes capitalistas aos cidadãos mais pobres, boa parte da população irmanou-se na luta comum, fazendo doações ou oferecendo-se como voluntário nas múltiplas atividades que a gripe exigia.

A mobilização da comunidade para minimizar os efeitos da pandemia da gripe também ocorreu em outros lugares. Na cidade norte-americana de El Paso, situada na fronteira com o México, transformou-se uma escola em hospital para atender os

pobres, principalmente mexicanos, e muita gente se ofereceu como voluntário para tratar dos doentes. Uma das voluntárias deixou registrado o seu contentamento:

Os relatos sobre as epidemias trazem exemplos de heroísmo e abnegação, mas o modelo de herói que surge nessa situação não é o modelo clássico da Grécia Antiga, em que um Aquiles enfrenta a morte sem temor, pois está resignado com o seu destino. O herói da epidemia é o indivíduo que teme a morte, mas, mesmo assim, arrisca-se em prol dos outros. Os médicos, os padres, os coveiros, pessoas que mantêm o contato mais direto com os doentes, são os que mais se arriscam, muitas vezes abnegadamente. Na cidade de Goiás, o médico Alípio Alipino da Silva esforçou-se para minimizar os efeitos da epidemia da Gripe Espanhola, mas foi uma das vítimas da doença. Um cronista lamentou que a população vilaboense não tenha valorizado seus feitos, pois, apesar de ele ter dado “a vida para a preservação da saúde da população da Capital do Estado [...], Não me consta qualquer gratidão que Goyaz, ou Goiás, lhe deu ou à sua família! Sequer nome de uma Travessa lhe foi dado como homenagem!” (Souza Filho, 1981: 68).

A passagem da varíola por Goiás também deixou exemplos de abnegação. “Dávamos aos pobres o sustento, dando-lhes feijão, arroz, açúcar, mandioca e dinheiro para comprar toucinho” (Kiermaier, 1904). Esse relato de um dos padres redentoristas demonstra o quanto eles foram decisivos para minimizar os efeitos da quarentena forçada na pequenina cidade de Campinas. Noutro lugar de Goiás, houve um caso que escancarou a complexa rede de troca de favores vigente no coronelismo brasileiro. Em 1926, a varíola atingiu a remota vila goiana de São José do Duro (atualmente Dianópolis, Tocantins) e vitimou um dos filhos do coronel Antônio Póvoa. O coronel, então, intimou um dos sitiantes que morava em sua propriedade para cuidar do sepultamento. Justino Bento, o nome dele, ao saber da incumbência macabra, abraçou seus filhos e repartiu com eles seus poucos bens. Ao concluir o sepultamento, foi dispensado pelo fazendeiro, mas recusou a retornar para sua residência, pois não queria contaminar a sua família. Justino morreu dias depois e seu corpo foi jogado num rio, já que ninguém teve coragem de lhe dar um sepultamento digno. (Póvoa, 1995, 100-109).

As obras literárias que abordam epidemia também enfatizam os exemplos de altruísmo humano. Se havia amor nos tempos do cólera, tema do conhecido livro de Gabriel Garcia Márquez (2002), a bondade humana não desapareceu por completo nesses momentos tenebrosos. O relato mórbido de José Saramago sobre o caos que se abateu numa cidade afetada por uma inusitada epidemia de cegueira revela o espírito compassivo da “mulher do médico”, a única que enxergava, na sua luta para proteger o seu grupo e cujos esforços chegaram quase aos limites da força: “veja se o estado a que aquela mulher chegou, está como uma corda que se partiu, como uma mola que não aguentou mais o esforço a que esteve continuamente sujeita” (Saramago, 1995, p. 308). Por isso, os que recuperaram a visão abraçavam-na em sinal de agradecimento.

No Diário do Ano da Peste, o protagonista corajosamente saiu em defesa de um pobre homem que acabara de enterrar a mulher e os filhos vitimados pela doença e que estava sendo insultado por um grupo numa taberna que ridiculariza “de sua falta de coragem para se atirar dentro da cova grande junto com os seus” (Defoe, 2013, p. 80). O livro também faz referência ao profissionalismo do auxiliar de sacristão da paróquia de Santa Stephen, John Hayward

O auxiliar de sacristão, na época, era aquele que cavava sepulturas e carregava os mortos. Este homem transportava ou ajudava a transportar até as sepulturas todos os mortos enterrados naquela grande paróquia, enquanto ainda eram enterrados formalmente. Quando os enterros desse tipo foram suspensos, ele passou a sair com o carro dos mortos, tocando o sino à procura de cadáveres nas casas que os tivessem, carregando muitos corpos para fora de quartos e casas. (Defoe, 2013, p. 106).

Bem mais sortudo do que o pobre goiano Justino Bento, o inglês teve o seu profissionalismo recompensado e, apesar do risco inerente à sua profissão, não foi contaminado pela peste. A sua esposa trabalhava como enfermeira dos contaminados e também sobreviveu incólume à epidemia. Digno de elogio foi o espírito fraternal da população: “se cristãos caridosos e bem intencionados não tivessem oferecido

prodigiosas quantias em dinheiro, a cidade não teria sobrevivido” (Defoe, 2013, p. 111).

Em *A Peste*, apesar de Camus ter comparando a epidemia com o nazismo, a mensagem central do livro é que a esperança pode vencer o medo e que o altruísmo humano triunfaria sobre a maldade. No final do livro, consta a seguinte passagem:

O Dr. Rieux decidiu, então, redigir esta narrativa, que termina aqui, para não ser daqueles que se calam, para depor a favor dessas vítimas da peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar. (Camus, 1983, p. 213).

O personagem Rieux era um dos médicos responsáveis pelo tratamento dos doentes e, por isso, viu de perto o horror provocado pela epidemia. Um dos efeitos mais nefasto da peste foi provocar uma insensibilidade em relação ao sofrimento do próximo e as pessoas se tornaram indiferentes aos gemidos dos doentes: “parecia que o coração de todos tinha endurecido” (p. 79). A peste ampliava a possibilidade de as pessoas praticarem maldade, pois “uma oportunidade súbita pode levar pessoas até então respeitáveis a ações repreensíveis que eram logo imitadas” (p. 120); dentre essas ações repreensíveis estavam o saque das casas fechadas por motivos sanitários.

Apesar disso tudo, a frase antológica de que a maior lição em tempos de tragédia é “que há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar”. Essa frase é coerente com um sermão do Padre Paneloux, tentando consolar os desesperados habitantes da cidade. O padre faz uma referência a uma peste que aconteceu em Marselha e que atingiu um convento, matando 77 religiosos, deixando apenas quatro sobreviventes. Três deles fugiram e apenas um ficou no convento. O padre terminou o seu discurso batendo com o punho na mesa, exclamando: “meus irmãos, é preciso ser aquele que fica!” (p. 158). A mensagem é clara: não importa a quantidade daqueles que se transviaram, devemos nos inspirar nos íntegros. São esses que inspiram orgulho na espécie humana. As epidemias

terminam e “o sol vai nascer numa cidade em festa” (Saramago, 1995, p. 309).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos apresentados, de natureza literária ou historiográfica, enfatizam os aspectos extremos do comportamento humano numa comunidade abalada por uma epidemia. Sobre isso, o historiador Jean Delumeau (2009, p. 194), refletindo sobre os impactos da Peste Negra na Europa, afirmou:

Para compreender a psicologia de uma população atormentada por uma epidemia, é preciso ainda destacar um elemento essencial: no decorrer de tal provação se produzia forçosamente uma “dissolução do homem mediano”. Não se podia ser senão covarde ou heroico, sem possibilidade de acantonar-se entre os dois. O universo do meio-termo e das meias-tintas que é comumente o nosso – universo que repele para a periferia os excessos de virtudes e de vícios – via-se bruscamente abolido.

Humildemente esse artigo discorda das posições do consagrado historiador francês. É inegável que situações de epidemia criam oportunidades para que os vilões e os heróis ganhem visibilidade, pois o momento estimula ações que revelem o pior e o melhor dos seres humanos. Contudo, é muito controverso afirmar peremptoriamente a “dissolução do homem mediano” e que a maioria das pessoas agia nos extremos radicais do comportamento humano.

Se os momentos de epidemia fossem dessa forma, a sociedade vivenciaria uma situação extrema de anomia social, na qual se veria a dissolução das instituições que garantem – para usar um vocabulário de Émile Durkheim (2001) – a coerção social sobre os indivíduos. Não parece ser esse o caso, pois em todas as epidemias que apareceram nesse texto, as hierarquias institucionalizadas se mantiveram atuantes, apesar de abaladas pela tragédia.

Na própria cidade de Atenas, apesar da devastação da peste, os atenienses ainda optaram por manter a arriscada guerra com os peloponésios, inclusive enviando, em plena vigência da epidemia, uma expedição para tomar a cidade de Potidéia. Apesar do luto pelos que morreram, apesar do medo de contrair a doença, a trabalhosa empresa bélica continuou, indicando que a maioria dos soldados continuou em seus postos, obedecendo às ordens dos seus superiores e que os escravos continuaram no seu estafante trabalho e que as mulheres, como na bela canção de Chico Buarque, continuaram amando seus maridos. Apesar de ser um dos assuntos que suscita maior interesse na obra de Tucídides, a descrição da peste ocupa uma parte irrisória do relato; o restante dele descreve o comportamento “normal” dos gregos em tempos de guerra.

O mesmo se observa numa construção literária sobre a epidemia, como o romance de Albert Camus sobre a peste. A cidade Oran foi colocada em quarentena e perdeu grande parte de seus habitantes, mas as instituições que garantiam os comportamentos básicos da vida continuaram atuantes. Os jornais continuaram a oferecer diariamente as notícias sobre a epidemia, o padre continuou a fazer os seus sermões na igreja, os hospitais continuaram funcionando apesar da superlotação, os policiais tiveram poder suficiente para manter a quarentena e garantir o mínimo de ordem social. Enfim, as pessoas continuam amando e odiando em tempos de epidemia.

Mas, então, por que os relatos sobre epidemias são unânimes em destacar os piores e os melhores exemplos de comportamento dos seres humanos?

Uma preciosa contribuição para a compreensão desses relatos é oferecida no Livro dos naufrágios, de Angélica Madeira, um estudo sobre a História Trágico-marítima, uma coletânea portuguesa de narrativas de naufrágios compiladas e publicada por Bernardo Brito em 1736. A ocorrência de um naufrágio é similar, em termos sociológicos, a uma contaminação epidêmica, já que em ambas as situações, a rotina diária é interrompida de modo brusco e trágico. O relato de naufrágio foca em personagens alegóricos, destacando as qualidades e os defeitos. É uma oportunidade “de por à prova as virtudes do herói, virtudes religiosas e guerreiras – fé que não esmorece, esperança, justiça, generosidade, coragem, fidelidade e lealdade.” (Madeira, 2005, p. 135). Por outro

lado, “aparecem personagens medrosos e egoístas, portadores de fraqueza e vícios modernos ou mercantis.” (p. 133). Apesar dessa ênfase nesse modelo comportamental dicotômico, os próprios relatos indicam que não há uma subversão da ordem social hierárquica durante o desastre, pois, para aliviar o peso do navio, são lançados ao mar primeiramente os bens dos marujos e só depois os dos oficiais ou os tripulantes nobres. Os de estirpes sociais mais elevadas tem embarque prioritário nos barcos salva-vidas. O navio está afundando, mas as regras sociais básicas ainda continuam válidas.

Se é assim, por que os relatos de naufrágio insistem na descrição dos vícios e das virtudes humanas nesses momentos trágicos? Esses relatos – e talvez os de epidemia – são altamente apreciados pelas classes populares, mesmo quando escritos por pessoas cultas. São exemplos de artefatos que circulam entre o popular e o erudito. É uma das coisas que é mais importante para as classes populares é que o escrito seja capaz de apresentar uma reflexão moralista, uma espécie de moral da história. Desse modo

A intenção de servir de exemplum orienta o escritor a apresentar ensinamentos encenados, dramatizados, estratégia que contribui para tornar estes conhecimentos acessíveis aos mareantes e a outros estratos populares que compartilham o gosto por histórias trágicas. A exemplaridade exige também da narrativa personagens coletivos, heróis ou anti-heróis que possuem características capazes de emocionar o público e algum grau de generalidade para que possam cumprir seu intento. (Madeira, 2005, p. 114)

As implicações dessas considerações para os relatos de epidemias parecem evidentes. Também eles são narrativas que circulam entre o popular e o erudito, pois o tema epidemia interessa a todos grupos sociais indistintamente. Isso explicaria o uso de personagens alegóricos que expressariam as demandas moralistas e emotivas das classes populares. Se até nos contos de fadas, as implicações éticas são evidenciadas, o que dizer de um relato tão dramaticamente poderoso como as narrativas sobre epidemias? Daí um enredo que se move entre o bem o mal, entre o certo e o errado,

entre o louvor e o opróbrio.

Isso traz consequências importantes para uma reflexão sobre os limites entre a História e a Literatura. Como ambas se valem desse arquétipo narrativo, possuem um alto grau de semelhança entre si. A epidemia fictícia criada por Camus possui o mesmo padrão narrativo da história real misturada com ficção de Defoe, que possui uma semelhança com os relatos realistas de Boccaccio e Tucídides. Até mesmo a narrativa mais surrealista de Saramago traz um retrato ambivalente da alma humana.

Nesse caso, os relatos literários adquirem um “realismo”, pois expressam uma maneira de interpretar as epidemias, que foi gestada nas camadas populares. Em contrapartida os relatos históricos evidenciam a presença de elementos ficcionais. De acordo com Hayden White (1994, p. 15),

E, não obstante, estamos diante do fato inelutável de que, mesmo na prosa discursiva mais pura, textos que pretendem representar “as coisas como elas são”, sem floreios retóricos nem imagens poéticas, sempre há uma falha de intenção. É possível mostrar que todo texto mimético deixou alguma coisa fora da descrição do seu objeto ou lhe acrescentou algo que não é essencial.

Se as colocações de Hayden White abrangem qualquer texto com intenção de produzir uma imagem realista do passado, no que tange às crônicas dos contemporâneos sobre epidemias, esses aspectos de natureza retórica são mais visíveis e identificáveis. Isso é importante para os historiadores das epidemias, pois eles podem localizar e filtrar, nos relatos, as intenções de exemplaridade. Saber disso evita também colocar um peso sobre os ombros das pessoas afetadas por epidemias, obrigadas a praticarem ações heroicas ou ser um egoísta desalmado. A complexidade da beleza humana é ser capaz de fazer as duas coisas, ou, como faz a maioria, enfrentar o desafio das epidemias com moderação.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um ensaio sobre a banalidade do mal**. Trad. José R. Siqueira. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- BERTOLLI FILHO, Claudio. **A Gripe Espanhola em São Paulo**, 1918. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. São Paulo. Trad. Torrieri Guimarães. Nova Cultural, 2003.
- CAMUS, Albert. **A Peste**. Trad. Valeryn Rumjanek. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- CESARÉIA, Eusébio. **História Eclesiástica**. Trad. Monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2008.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- DEFOE, Daniel. **Um diário do Ano da Peste**. Tradução Eduardo Serrano San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013.
- DELEMEAU, Jean. **História do medo do ocidente**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do Método Sociológico**. Trad. Pietro Nassentti. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- FARRELL, Jeanette. **A assustadora história das pestes & epidemias**. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Ediouro, 2003.
- FERREIRA, Joaquim Carvalho. **Presidentes e Governadores de Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1980.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.
- KIERMAIER, João Batista. **Crônica do padre João Batista Kiermaier**, Campinas, 1904. Documento manuscrito. Goiânia: Arquivo dos Padres Redentoristas.
- KOLATA, Gina. **Gripe: a história da epidemia de 1918**. Trad. Carlos Humberto Pimentel D. da Fonseca. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LEWINSOHN, Rachel. **Três epidemias: lições do passado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MADEIRA, Angélica. **Livro dos naufrágios: ensaio sobre a História trágico-marítima**. Brasília: UnB, 2005.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **O amor nos tempos do Cólera**. Trad. Antônio Callado. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Origem da Tragédia Proveniente do Espírito da Música**. Trad. Erwin Theodor. São Paulo: Editora Cupolo, 1948.

PÓVOA, Osvaldo Rodrigues. **Quinta-feira sangrenta**. Dianópolis: edição do autor, 1975.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: edições graal, 2002.

SOUZA FILHO, Eduardo H. de. **Nos tempos de Goyaz**. Goiânia: unigraf, 1981.

UJVARI, Setan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus**. São Paulo: Contexto, 2008.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. Trad. Alípio C. F. Neto. São Paulo: Edusp, 1994. .

Contribuições de autoria

1 - Eliezer de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-7763-7454> • ezi2006@gmail.com

Contribuição: Autor

Como citar este artigo

OLIVEIRA, E. de. O melhor e o pior de nós em tempo de epidemias: Diálogos entre História e Literatura. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 42, e72045, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179460X72045>.